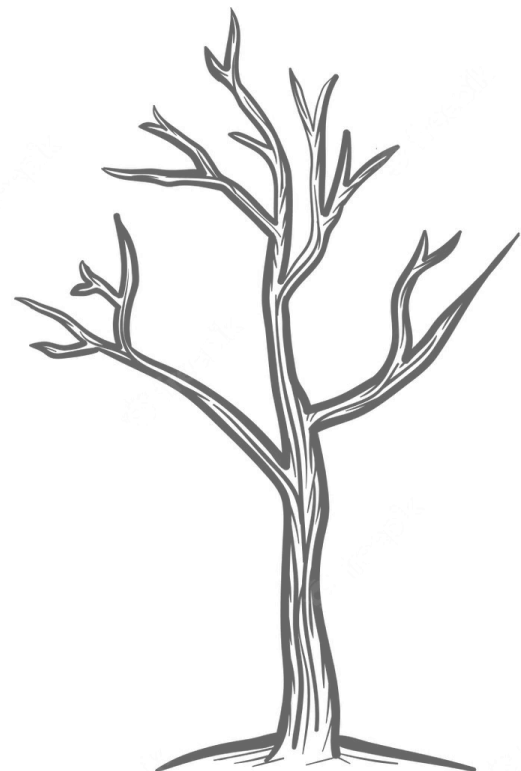


O MORCEGO

OTÁVIO P. SEVERO

1931



O MORCEGO

(O CRUZEIRO, RIO DE JANEIRO, 1931)

Quem em horas tantas da noite o encontrasse com seu aspecto macabro imaginava-o um enviado de além-túmulo. Era extraordinário: a escuridão, o ermo fascinava-o. Nunca aparecera de dia, daí apelidarem-no de “Morcego”. Acontecia, às vezes, ao regressar à casa alta madrugada, topar na esquina da minha rua com aquele vulto fantasmagórico; vinha-me, então, desejo de vigiá-lo, de seguir-lhe os passos... Quando passava por mim, sempre envolto em um manto negro que quase lhe chegava aos pés, com tal ligeireza se movimentava, que nunca consegui fixar-lhe as feições, nem ao menos surpreender-lhe o olhar. Cabisbaixo, encolhido, avançava vertiginosamente e, como uma aparição, se confundia com o negrume da noite.

— O mundo é singular — pensava, quando ele já se ia longe —, põe, entre uma infinidade de criaturas, uma ou outra que discorda, que aberrava da regra geral, deixando no nosso juízo uma interrogação, uma dúvida... Será que ele tenha existência diferente da nossa? Será que ele conheça o segredo que tanto nos tortura e que penetra em regiões por nós nunca atingidas? Na transcendência dessas ideias reside toda a agonia que nos assoberba. Somos sempre propensos a admitir o sobrenatural, e é talvez nessa conjectura que repousa todo alicerce do mundo. Por ele o homem se revolta, se debate e cai vencido; por causa dele a vida tornou-se ânsia continuada, insofreável, eterna. Eis por que o seu sentir é tão vário, as suas manifestações tão dispersas; cada ser é um antro em que se oculta, cada criatura uma gruta em que se refugia. A alma daquele homem seria igual à minha alma? Imaginava sempre ao vê-lo passar. E a dúvida continuava no meu cérebro...

A fantasia do povo criara logo em torno dele lendas e histórias que começaram a me impressionar... Uma velha que há muito residia na cidade certa vez me contou:

— O senhor sabe quem ele é? Não pode deixar de ser o Diabo em figura de gente... Apareceu aqui por ocasião daquela epidemia de gripe que tratavam por “espanhola”; vinha não sei de onde e tinha esse aspecto terrível. A primeira vez que eu o encontrei foi a caminho do cemitério quando ia levando sozinha e por meus próprios braços o cadáverzinho do meu único neto. Naquela ocasião, o senhor deve estar lembrado, era uma calamidade, a morte não tinha mãos a medir, tanto se lhe dava levar um anjinho como um grande pecador; morreu por aqui tanta gente que ainda hoje se o senhor revólver o terreno de muita casa encontra os esqueletos dos que não puderam ser enterrados no cemitério, pois a

população quase que a um tempo foi tomada do mal e, como não havia transporte, cada qual que sepultasse seus mortos onde quisesse. Mas eu não podia concordar com aquele absurdo, não ia deixar que enterrassem o meu pequenino no fundo do quintal como se fosse um animal qualquer, não! Para que então se fizeram os campos-santos, para quê? Para os mortos descansarem em paz, não é? Depois a pobre alminha ficaria pensando aí por este mundo. Então peguei no corpo quando já fazia muitas horas que tinha cerrado os olhinhos inocentes e, envolvendo-o numa toalha linda que bordara cuidadosamente para o enxoval da minha filha (que Deus a haja), vim, rua afora, meio tonta, porque a “danada” já me começava a atacar, quando topei com ele... Que figura medonha! Não sei bem com quem o devo comparar, mas imagino que se parece com um morcego, e é tal qual um bicho feio, o corpo fino todo retorcido, as mãos enormes quase arrastando no chão... Estaquei, tremendo da cabeça aos pés, e fechei os olhos para não cair, apertando, apertando de encontro a mim o cadáverzinho, com receio de que me fosse arrebatado; foi quando ouvi um silvo prolongado e agudo que me fez arregalar muito os olhos e, aos tropeções, me pus a caminhar como louca até o cemitério... Depositei o corpo do meu netinho numa cova aberta por mim mesma, bem perto da entrada, marcando-a com uma cruz improvisada com galhos de árvores. Dias depois, meu senhor, voltei lá, muito abatida pela doença, para rezar uma Ave-Maria ao pé da sepultura de meu netinho... encontrei-a profanada, toda revolvida e vazia. Dizem por aí que a chuva forte que caiu durante a noite levou-o na enxurrada. Mas eu não acredito, tenho a certeza que aquele demônio roubou o defuntinho para saciar-se na sua carne tenra.

Ninguém me tira isso da cabeça...

Iguais a essa, tantas outras histórias tétricas se contavam daquele homem curioso, que deu-me na veneta conhecer-lhe a vida, senão, ao menos, o antro, o tugúrio onde pousava nas horas reparadoras do sono.

Segui-o em uma noite fria e enluarada; à claridade tísica e quase imperceptível dos lampiões, espalhados aqui e acolá por toda a extensão das ruas sem vitalma, ele me fazia evocar quantas narrações horríveis tenho lido e ouvido. A visão que me sumia a cada esquina para revê-la logo após julgava pertencer àquela mansão de sombras e espíritos que tem figurado na ideia dos escritores; vinha-me excitação, vontade de retroceder, mas evitava os pensamentos e continuava a caminhada.

Cães ululavam gasnática e afrontosamente à lua pura e dominadora nas alturas siderais; de quando em vez um passava por mim rosnando, farejava-me e continuava a ladrar desesperadamente à presa inalcançável; gatos perambulavam riscando à minha frente na sua faina noturna e sobre o arvoredado que tão

frondosamente marginava as ruas, a ponto de impedir a penetração do luar; corujas grasnavam agoureiramente, vampiros esvoaçavam à luz dos lampiões, dando assobios finos e estridentes que se iam perder além pela vastidão da noite velha. Uma força qualquer me queria conduzir ao final daquela nunca esquecida aventura. Andava desatinado e o vulto à minha frente parecia me impulsionar... Numa encruzilhada já fora da cidade, onde altaneiramente se erguia uma árvore, vi-o, no meu estado de verdadeiro torpor, parar e começar a galgá-la. Estaquei... um tronco me protegia de sua vista: pulava ligeiramente de galho em galho, como um pássaro, soltando guinchos prolongados e estridentes; o luar, batendo em cheio, realçava aquele vulto negro a saltitar, colhendo e saboreando frutos. Em torno dele, compartilhando da ceia, corujas gargalhavam, morcegos chilreavam...

Na minha ideia revolucionavam-se tantos pensamentos, tantos; parecia que tudo em volta de mim fugia... Inopinadamente saquei da pistola que por precaução levava e disparei...

Manhã alta! O primeiro transeunte que se abalou até aquelas paragens encontrou-me frio, desacordado, estirado no chão, com a perna direita varada por uma bala.

Desde então nunca mais se soube notícias daquele ser estranho; mas ainda agora, recordando-me da aventura da noite fria e enluarada, fico a vê-lo, lá nas grimpas da árvore, pulando de galho em galho e saboreando frutos que talvez constituíssem seu único alimento.

